



VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA ENTRE ACADÊMICOS DE ODONTOLOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA

Psychological violence among dentistry students at a Brazilian public university

Access this article online	
Quick Response Code:	
	Website: https://periodicos.uff.br/ijosd/article/view/67948

Autores:

Adriana da Costa Ribeiro

Titulação: Doutorado em Ciências Odontológicas/USP. Vínculo institucional: Faculdade de Odontologia de Pernambuco, Universidade de Pernambuco

Renata Ferraiolo Gueiros

Titulação: Doutorado em Saúde Coletiva - Instituto de Medicina Social/UERJ. Vínculo institucional: Departamento de Clínica e Odontologia Preventiva, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Pernambuco

Mayara Paula Morais da Paz

Graduanda do curso de Odontologia da Universidade Federal de Pernambuco Recife/PE, Brasil

Vitor Hugo Lima Barreto

Titulação: Doutorado em Educação Médica - Departamento de Atenção Primária- University College London. Vínculo institucional: Faculdade de Medicina, Centro de Ciências Médicas, Universidade Federal de Pernambuco

Joás de Araújo Teixeira

Titulação: Doutorado em Odontopediatria - Universidade de Pernambuco Vínculo institucional: Núcleo de Telessaúde Recife, Prefeitura do Recife

Instituição na qual o trabalho foi realizado: Universidade Federal de Pernambuco

Endereço para correspondência: Joás de Araújo Teixeira. Rua do Brum, 123, Bairro do Recife, Recife/PE, Brasil, CEP 50030-260. Tel (81) 33557204 / Cel (81) 998111195

E-mail para correspondência: joas.teixeira@recife.pe.gov.br

RESUMO

A violência é um fenômeno social complexo que permeia diferentes contextos sociais, incluindo o ambiente universitário, onde tem se manifestado de maneira crescente. Este estudo objetivou descrever as percepções dos estudantes de Odontologia sobre diferentes tipos de violência vivenciados no meio acadêmico. A pesquisa utilizou um questionário autoaplicável direcionado a graduandos de uma Universidade Federal Brasileira (n=101), coletando dados sociodemográficos e experiências de violência física ou psicológica. A análise quantitativa das variáveis foi realizada pelo software EPI INFO. Dentre os respondentes, 38,6% relataram algum tipo de agressão, abuso ou maus-tratos, prevalecendo a violência do tipo psicológica, com 42,6% dos casos relacionados à depreciação e humilhação, seguidos por 40,6% ligados à inferiorização de competência, com maior incidência nos períodos finais da graduação. A violência no ensino superior público configura-se como um problema emergente, exigindo respostas institucionais efetivas.

Palavras-chave: Violência; Formação profissional; Estudantes de odontologia.

ABSTRACT

Violence is a complex social phenomenon that permeates different social contexts, including the university environment, where it has increasingly manifested itself. This study aimed to describe the perceptions of dentistry students about different types of violence experienced in the academic environment. The research used a self-administered questionnaire directed to undergraduate students of a Federal University In Brazil (n=101), collecting sociodemographic data and experiences of physical or psychological violence. Quantitative analysis of the variables was performed using the EPI INFO software. Among the respondents, 38.6% reported some type of aggression, abuse or mistreatment, with psychological violence prevailing, with 42.6% of cases related to depreciation and humiliation, followed by 40.6% linked to the inferiorization of competence, with a higher incidence in the final periods of undergraduate studies. Violence in public higher education is an emerging problem, requiring effective institutional responses.

Key words: Violence; Professional Education; dental students.



INTRODUÇÃO

A violência é considerada um fenômeno complexo, definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como o uso intencional da força ou do poder, real ou em ameaça, contra indivíduos, grupo ou comunidade, que resulte ou tenha intenção de promover lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG *et al.*, 2002). Essa complexidade é agravada pelas múltiplas formas que a violência pode assumir nos diversos contextos sociais, incluindo o ambiente escolar e universitário, onde se destacam ações de rejeição, humilhação e indiferença, frequentemente associadas a danos emocionais e psicológicos significativos (FERRAZ; RISTUM, 2012).

A situação de violência é comparada a uma pandemia que afeta a todos, independentemente das condições sociais, culturais ou econômicas dos envolvidos (SCHERER *et al.*, 2017). No ambiente universitário, este fenômeno apresenta nuances particulares, frequentemente envolvendo práticas como trotes humilhantes, discriminação e violência psicológica, que afetam significativamente a saúde mental e o desempenho acadêmico dos estudantes (FERRAZ; RISTUM, 2012; GODINHO *et al.*, 2018).

Nos últimos anos, a violência no ambiente universitário tem figurado como um fenômeno multifacetado de relevância inquestionável que afeta significativamente a comunidade acadêmica, em especial, os estudantes (ROSA *et al.*, 2010; PRICE *et al.*, 2020; LU *et al.*, 2024). No contexto brasileiro, investigações realizadas em diferentes instituições de ensino superior evidenciaram que aproximadamente 30% dos estudantes relataram vivenciar algum tipo de violência no campus, sendo a psicológica a mais prevalente (GODINHO *et al.*, 2018).

Diferentes manifestações violentas, como trotes humilhantes, assédio sexual ou moral, discriminação de gênero ou raça, assim como agressões psicológicas, comprometem negativamente o desempenho acadêmico, as relações interpessoais e a saúde mental dos estudantes (LIMA *et al.*, 2017; TRAJANO *et al.*, 2024; MAITO; PANÚNCIO-PINTO; VIEIRA, 2022). A exposição contínua a ambientes violentos ou opressivos no contexto universitário está associada a transtornos como ansiedade e depressão, comprometendo ainda mais a adaptação e o sucesso acadêmico (FERRAZ; RISTUM, 2012).

A violência nos campi está entre as causas de inadaptação e fracasso acadêmico, afetando sobretudo a qualidade de vida estudantil (ROSA *et al.*, 2010). Nesse dinâmico e multifacetado contexto de saúde, as evidências



demonstram que tais experiências prejudicam o desenvolvimento acadêmico (FERRAZ; RISTUM, 2012). Apesar da relevância do tema, há lacunas significativas na literatura sobre violência universitária em cursos específicos, como no curso de Odontologia. Assim, este estudo objetivou avaliar a visão dos estudantes de Odontologia sobre a situação de violência no ambiente de uma universidade pública.

MATERIAL E MÉTODO

Este estudo exploratório, do tipo *survey*, foi conduzido com uma amostra de discentes de um curso público de graduação em Odontologia, abrangendo todos os períodos do curso, do 1º ao 10º, em uma capital do Nordeste brasileiro.

O questionário utilizado no estudo foi elaborado e previamente validado em etapas rigorosas. Inicialmente, estabeleceu-se uma estrutura conceitual clara, seguida pela definição dos objetivos do instrumento e da população de interesse. As perguntas e escalas de respostas foram criteriosamente desenvolvidas, organizadas e estruturadas no formulário. A validação do conteúdo foi realizada por um comitê formado por cinco juízes especialistas na área do estudo, convidados voluntariamente para participar do processo. O pré-teste garantiu ajustes necessários para a adequação do instrumento.

O instrumento de coleta de dados foi desenvolvido utilizando a plataforma *Google Forms* e estruturado em três seções: dados sociodemográficos, capacidade de reconhecimento de formas de violência, e relatos sobre violência psicológica sofrida ou praticada. O questionário validado foi disponibilizado *online* aos discentes, aguardando-se a adesão voluntária de, no mínimo, 10% a 20% do total de alunos de cada uma das dez turmas de um semestre letivo do curso. Foram adotados como critério de inclusão para a amostra a matrícula regular no curso de Odontologia da instituição pesquisada e a concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O critério de exclusão foi o não preenchimento correto do instrumento de pesquisa.

O instrumento de coleta de dados foi divulgado através de e-mails institucionais dos alunos, grupos de *whatsapp* das turmas e em salas de aula. A coleta de dados ocorreu de forma espontânea entre abril e agosto de 2024 e a amostra final foi constituída por 101 discentes da graduação. As respostas foram compiladas em uma planilha para análise quantitativa das variáveis utilizando o programa EPI INFO, com validação do banco por dupla digitação para detecção e correção de divergências. Os dados foram, então, exportados para o software STATA 14 para a análise estatística. Para comparar as variáveis do estudo,

utilizou-se o teste Qui-Quadrado de Pearson, adotando-se um nível de significância de 5% ($p \leq 0,05$).

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco sob o número de parecer 6.484.183.

RESULTADOS

A amostra considerada neste estudo incluiu 101 discentes de Odontologia, abrangendo todos os períodos do curso, em um recorte temporal de um mesmo semestre letivo. Predominaram na amostra indivíduos do sexo feminino (74,3%), de cor branca (56,4%), cisgêneros (98,0%), heterossexuais (74,3%), com idade entre 21 e 24 anos (58,4%), de religião católica (42,6%) e que residiam com os pais (58,4%) (Tabela 01).

Variáveis independentes		N (%)
Sexo	Masculino	26 (25,7%)
	Feminino	75 (74,3%)
	Não declarado	0 (0%)
Identidade de gênero	Cisgênero	99 (98,0%)
	Não binário	0 (0%)
	Transgênero	1 (1,0%)
	Não declarado	1 (1,0%)
Orientação sexual	Heterossexual	75 (74,3%)
	Homossexual	2 (1,9%)
	Bissexual	11 (10,9%)
	Assexual	1 (1,0%)
	Pansexual	2 (1,9%)
Faixa etária	Não declarado	1 (1,0%)
	De 17 a 20 anos	19 (18,8%)
	De 21 a 24 anos	59 (58,4%)
	De 24 a 29 anos	20 (19,8%)
Cor	30 anos ou mais	3 (3,0%)
	Branca	57 (56,4%)

	Parda	35 (34,6%)
	Preta	8 (8,0%)
	Indígena	1 (1,0%)
Com mora	Com os pais	59 (58,4%)
	Com amigos	12 (11,9%)
	Com companheiro(a)	9 (8,9%)
	Com outro familiar	11 (10,9%)
	Sozinho	9 (8,9%)
	Casa de estudante	1 (1,0%)
Religião	Católica	43 (42,6%)
	Evangélica	35 (34,6%)
	Espírita	5 (4,9%)
	De matriz africana	2 (1,9%)
	Budista	2 (1,9%)
	Sem religião	4 (3,9%)
	Ateu/agnóstico	11 (10,9%)

Tabela 01. Caracterização sociodemográfica da amostra. Recife, 2024.

Quanto à prevalência de violência, 38,6% dos respondentes relataram ter vivenciado algum tipo de agressão, abuso ou maus-tratos durante o curso de graduação. Dentre os tipos de violência, destacaram-se as violências psicológicas relacionadas à depreciação e humilhação (42,6%) e à inferiorização de competência (40,6%), ou seja, inferiorização de seu conhecimento ou habilidade; revelando os desafios psicossociais enfrentados pelo estudante no ambiente universitário. Discriminações por orientação sexual (6,9%) e por ingresso via cota (10,9%) também foram observadas, enquanto as violências física (0,9%) e sexual (4,9%) apresentaram menor prevalência (Tabela 02).

Tipos de violência		Prevalência N/total (%)	IC 95%
Qualquer tipo		39/101 (38,6%)	29,5 a 48,6
Verbal	Já foi ofendido ou insultado	25/101 (24,7%)	17,2 a 34,3
	Já sofreu violência psicológica	32/101 (31,7%)	23,2 a 41,5
	Foi depreciado ou humilhado	43/101 (42,6%)	33,1 a 52,5
	Foi inferiorizado sobre sua competência	41/101 (40,6%)	31,3 a 50,6
Discriminação de cunho étnico ou religioso		-	-
Psicológica	Discriminação racial (entre não brancos)	5/44 (11,4%)	4,6 a 25,2
	Discriminação por orientação sexual	7/101 (6,9%)	3,3 a 14,0
	Discriminação por ter ingressado via cota	7/64 (10,9%)	5,2 a 21,6
	Discriminação por outro motivo	9/101 (8,9%)	4,6 a 16,4
Física	Já sofreu algum tipo de agressão física	1/101 (0,9%)	0,13 a 6,9
Sexual	Já sofreu algum tipo de violência ou assédio sexual	5/101 (4,9%)	2,0 a 11,5

Tabela 02. Prevalência de agressões, abusos e maus tratos relatados pela amostra. Recife, 2024.

A avaliação das variáveis apresentadas na Tabela 03 destacou associações estatisticamente significativas entre a violência psicológica de depreciação ou humilhação e o período do curso de Odontologia. Discentes dos períodos mais avançados (7º ao 10º) apresentaram um risco 4,64 vezes maior de vivenciar esse tipo de violência em comparação aos estudantes do início da graduação (1º ao 3º período). Essa tendência sugere um agravamento da pressão acadêmica e interpessoal à medida que os alunos avançam na formação.

Tipo de violência		Prevalência n/total (%)	OR (IC 95%)	p-valor
Qualquer tipo	Do 1º ao 3º	7/15 (46,7%)	Referência	-
	Do 4º ao 6º	10/32 (31,2%)	0,51 (0,15 – 1,83)	0,308
	Do 7º ao 10º	22/54 (40,7%)	0,78 (0,25 – 2,50)	0,681
Verbal	Do 1º ao 3º	2/15 (13,3%)	Referência	-
	Do 4º ao 6º	8/32 (25,0%)	2,20 (0,40 – 11,74)	0,370
Ofendido, insultado	Do 7º ao 10º	15/54 (27,8%)	2,50 (0,50 – 12,42)	0,263
	Do 1º ao 3º	3/15 (20,0%)	Referência	-
Psicológica	Do 4º ao 6º	10/32 (31,2%)	1,81 (0,42 – 7,90)	0,425
	Do 7º ao 10º	19/54 (35,2%)	2,17 (0,54 – 8,66)	0,272
Já sofreu violência psicológica	Do 1º ao 3º	3/15 (20,0%)	Referência	-
	Do 4º ao 6º	11/32 (34,4%)	2,09 (0,49 – 9,02)	0,321
	Do 7º ao 10º	29/54 (53,7%)	4,64 (1,17 – 18,32)	0,029*
Depreciou ou humilhou	Do 1º ao 3º	4/15 (26,7%)	Referência	-
	Do 4º ao 6º	10/32 (31,2%)	1,25 (0,32 – 4,90)	0,749
Ameaçou sobre sua capacidade ou competência	Do 7º ao 10º	27/54 (50%)	2,75 (0,78 – 9,72)	0,116
	Do 1º ao 3º	1/11 (12,5%)	Referência	-
Discriminação racial (entre não brancos)	Do 4º ao 6º	2/20 (16,7%)	1,4 (0,11 – 18,61)	0,799
	Do 7º ao 10º	2/33 (8,3%)	0,64 (0,02 – 8,12)	0,728
Discriminação por orientação sexual	Do 1º ao 3º	0/15 (0%)	Referência	-
	Do 4º ao 6º	2/32 (6,2%)	Não estimado	-
Discriminação por ter ingressado via cota	Do 7º ao 10º	5/54 (9,3%)	- Não estimado	-
	Do 1º ao 3º	1/15 (9,1%)	Referência	-
Discriminação por outro motivo	Do 4º ao 6º	3/32 (15%)	1,76 (0,16 – 19,33)	0,642
	Do 7º ao 10º	3/54 (9,1%)	1 (0,09 – 10,73)	1,000
Física	Do 1º ao 3º	1/15 (6,7%)	Referência	-
	Do 4º ao 6º	1/32 (3,1%)	0,45 (0,03 – 7,75)	0,584
	Do 7º ao 10º	7/54 (12,9%)	2,08 (0,24 – 18,42)	0,509
	Do 1º ao 3º	0/15 (0%)	Referência	-

Já sofreu algum tipo de agressão física	Do 4º ao 6º	1/32 (3,1%)	Não estimado	-
	Do 7º ao 10º	0/54 (0%)	Não estimado	-
Sexual: Já sofreu algum tipo de violência/assédio sexual	Do 1º ao 3º	0/15 (0%)	Referência	-
	Do 4º ao 6º	1/32 (3,1%)	Não estimado	-
	Do 7º ao 10º	4/54 (7,4%)	Não estimado	-

Tabela 03. Associação dos tipos de violências entre estudantes do curso de odontologia segundo o período. Recife, 2024.

O tipo de interação entre estudantes variou ao longo do curso, sendo mais positiva nos primeiros períodos (escores 4 e 5), de acordo com 66,7% dos discentes do 1º ao 3º período que consideraram a relação como boa ou ótima contra 16,7% daqueles alunos do 7º ao 10º período. No entanto, ao final da graduação, 29,6% consideraram as relações ruins ou muito ruins, refletindo um agravamento nas dinâmicas interpessoais (Tabela 04). Associações estatisticamente significativas foram observadas entre o período do curso e variáveis relacionadas a ter ouvido ameaças a outros colegas; ter percebido alguma situação competitiva injusta; ter se sentido privado da oportunidade de examinar ou praticar um procedimento por ação de outro colega; e ter potencializado relatos sobre as experiências acadêmicas negativas com o intuito de alertar estudantes de períodos anteriores. Todas essas associações exibiram maior frequência ao final do curso (Tabela 04).

	Variáveis	1º ao 3º (n = 15)	4º ao 6º (n = 32)	7º ao 10º (n = 54)	p-valor
Socialização, como se considera	Escores 1 e 2	6 (40%)	19 (59,4%)	29 (53,7%)	0,532
	Escore 3	7 (46,7%)	8 (25,0%)	14 (25,9%)	
	Escores 4 e 5	2 (13,3%)	5 (15,6%)	11 (20,4%)	
Amigos e colegas facilitam a socialização	Sim	10 (66,7%)	24 (75,0%)	36 (66,7%)	0,437
	Não	0 (0%)	3 (9,4%)	7 (12,9%)	
Como considera a relação entre estudantes de	Ambos	5 (33,3%)	5 (15,6%)	11 (20,4%)	0,000*
	Escores 1 e 2	0 (0%)	2 (6,2%)	16 (29,6%)	

graduação	Escore 3	5 (33,3%)	16 (50,0%)	29 (53,7%)	
Já percebeu alguma situação competitiva injusta durante a graduação	Escores 4 e 5	10 (66,7%)	14 (43,7%)	9 (16,7%)	
	Nunca	11 (73,3%)	14 (43,7%)	11 (20,4%)	0,001*
	De 1 a 3 vezes	4 (26,7%)	8 (25,0%)	21 (38,9%)	
	4 vezes ou +	0 (0%)	10 (31,2%)	22 (40,7%)	
Já escutou de colegas ameaças, insultos, julgamentos, desqualificação, discriminação ou humilhação sobre um outro colega da graduação	Nunca	11 (73,3%)	15 (46,9%)	12 (22,2%)	0,002*
	De 1 a 3 vezes	3 (20,0%)	9 (28,1%)	16 (29,6%)	
	4 vezes ou +	1 (6,7%)	8 (25,0%)	26 (48,1%)	
já teve que fazer mais atividades acadêmicas ou práticas do que outros amigos (as) ou colegas por uma injustiça cometida pelos mesmos	Nunca	14 (93,3%)	23 (71,9%)	35 (64,8%)	0,268
	De 1 a 3 vezes	1 (6,7%)	8 (25,0%)	15 (27,8%)	
	4 vezes ou +	0 (0%)	1 (3,1%)	4 (7,4%)	
Já se sentiu privado de uma oportunidade de examinar um paciente, praticar um procedimento, apresentar um trabalho acadêmico como consequência da ação de algum amigo (a) ou colega da graduação	Nunca	15 (100,0 %)	24 (75,0%)	35 (64,8%)	0,044*
	De 1 a 3 vezes	0 (0%)	7 (21,9%)	11 (20,4%)	
	4 vezes ou +	0 (0%)	1 (3,1%)	8 (14,8%)	
Já potencializou relatos sobre suas experiências acadêmicas negativas com o intuito de alertar estudantes de períodos anteriores	Nunca	7 (46,7%)	14 (43,7%)	11 (20,4%)	0,017*
	De 1 a 3 vezes	7 (46,7%)	12 (37,5%)	20 (37,0%)	
	4 vezes ou +	1 (6,6%)	6 (18,8%)	23 (42,6%)	

Tabela 04. Associação de variáveis relacionadas à socialização e agressão com o período do curso dos estudantes da amostra. Recife, 2024.

Na Tabela 05, variáveis relacionadas à socialização e competitividade foram estudadas conforme a cor da pele dos indivíduos da amostra. Neste caso, a

amostra foi dividida, para fins de análise, em dois grupos: branco e não branco (que incluiu pretos, pardos, amarelos e outros). A socialização dos estudantes foi avaliada através dos seguintes escores: os escores 1 e 2 foram relacionados ao julgamento muito ruim ou ruim, respectivamente; o escore 3 relacionado ao regular; e os escores 4 e 5, interpretados como bom e muito bom respectivamente. Diferenças sociodemográficas também foram evidentes, conforme os dados da tabela 05. Estudantes não brancos relataram maior dificuldade de socialização e este dado foi estatisticamente significativo.

	Variáveis	Branco (n = 57)	Não branco (n = 44)	p-valor
Socialização, como se considera	Escores 1 e 2	32 (56,1%)	22 (50,0%)	0,018*
	Escore 3	20 (35,1%)	9 (20,4%)	
Amigos e colegas facilitam a socialização	Sim	38 (66,6%)	32 (72,7%)	0,550
	Não	5 (8,8%)	5 (11,4%)	
Como considera a relação entre estudantes de graduação	Escores 1 e 2	13 (22,8%)	5 (11,4%)	0,095
	Escore 3	30 (52,6%)	20 (45,4%)	
já percebeu alguma situação competitiva injusta durante a graduação	Escores 4 e 5	14 (24,6%)	19 (43,2%)	0,645
	Nunca	22 (38,6%)	14 (31,8%)	
já teve que fazer mais atividades acadêmicas ou práticas do que outros amigos (as) ou colegas por uma injustiça cometida pelos mesmos	De 1 a 3 vezes	19 (33,3%)	14 (31,8%)	0,247
	4 vezes ou +	16 (28,1%)	16 (36,4%)	
	Nunca	44 (77,2%)	28 (63,6%)	
	De 1 a 3 vezes	10 (17,5%)	14 (31,8%)	
	4 vezes ou +	3 (5,3%)	2 (4,6%)	

Tabela 05. Associação de variáveis relacionadas à socialização e competitividade com a cor da pele da amostra. Recife, 2024.



DISCUSSÃO

Este estudo buscou estimar a prevalência de situações de violência sofridas por graduandos de Odontologia em uma universidade pública federal brasileira, contribuindo para a compreensão das variáveis associadas e o enfrentamento do fenômeno. A amostra populacional foi representada em sua maioria por indivíduos do sexo feminino, de cor branca, cíngulos, heterossexuais, com idade entre 21 e 24 anos, corroborando o perfil demográfico e social de estudantes universitários de cursos de saúde no Brasil (GODINHO *et al.*, 2018).

A análise dos dados revelou que a violência permanece um problema significativo no contexto universitário, com 38,6% da população relatando experiências de violência vivenciadas na graduação, em concordância com estudos prévios que apontaram prevalências variando de 30,9% a 98% (GODINHO *et al.*, 2018; MAFFISSONI *et al.*, 2021; HENRIQUES; MERÇON-VARGAS; ROSA, 2023).

As formas de violência mais notificadas foram depreciação e humilhação (42,6%) e inferiorização de competência (40,6%), refletindo um ambiente acadêmico hierárquico e, frequentemente, autoritário. Segundo Teixeira e colaboradores (2018), essas dinâmicas de violência são consequência de um cenário universitário rígido e pouco democrático, que coloca os estudantes como passivos, submissos e reféns de relações hierarquizadas e autoritárias, que não encontram qualquer barreira institucional para frear atitudes desrespeitosas.

Reconhecemos que a posição de subjugação e humilhação é vivida pelo estudante logo ao iniciar no curso através de um ritual legitimado pela comunidade acadêmica, o trote, que inicializam e mantém relações autoritárias e de poder dentro das instituições. Por isso, corroboramos com a análise de Lima *et al.* (2017) que destaca a relevância de criação de ambientes institucionais acolhedores e respeitosos ao ingresso do acadêmico na instituição, demarcados por relações mais horizontais e menos hierárquicas.

A autoria dos atos de violência psicológica apontam o professor como agente perpetrador, na qual a menção desse agente é cerca de três a quatro vezes maior, quando comparado a “colegas de classe” (MAFFISSONI *et al.*, 2021). Contrariamente, o estudo de Godinho e colaboradores (2018) demonstrou que os próprios estudantes são os principais responsáveis pela situação de violência do tipo psicológica. Maffissoni *et al.* (2021) ainda evidenciaram que os pacientes, os familiares de pacientes e os trabalhadores dos serviços de saúde também podem ser relacionados como autores dos atos. Apesar de neste estudo não

termos investigado a figura responsável pelos atos de violência, mas a vivência do estudante às situações violentas, compreendemos que as modificações cultural e social nas relações interpessoais, que entrelaçam professor-aluno-paciente, são determinantes na prevenção e coibição da violência na esfera acadêmica, conforme destacado por Lima *et al.* (2017).

O panorama das violências vivenciadas e temidas por estudantes no contexto universitário revela que mulheres, alunos mais jovens e indivíduos com menor renda salarial estão entre os grupos que relataram maior medo de sofrer tais agressões (HENRIQUES; MERÇON-VARGAS; ROSA, 2023). Segundo os autores, as mulheres revelaram maior preocupação com violências de natureza sexual, física e emocional. Essa vulnerabilidade é corroborada pelos dados da pesquisa, que notifica algum tipo de violência ou assédio sexual por 4,9% das respondentes. Dada a gravidade desses casos, torna-se imprescindível reforçar as instâncias de escuta, acolhimento e apuração dentro das universidades públicas brasileiras, visando assegurar um ambiente seguro e promover respostas eficazes frente às situações de tamanha seriedade.

A metodologia deste estudo permitiu a identificação da ocorrência de atos de violência relacionados à discriminação racial entre não brancos e discriminação de cotistas, variáveis da violência psicológica cujas prevalências foram respectivamente 11,4% e 10,9%. Estes resultados contextualizam a dificuldade de socialização, que foi estatisticamente significativa (Tabela 05), por alunos não brancos quando comparados aos alunos brancos. Os resultados alertam tanto para a persistência de uma cultura racista no ambiente universitário, como para uma realidade de estigmatização do aluno inserido às políticas afirmativas de ingresso, que confronta com o conceito inclusivo inerente à política de cotas.

Adicionalmente, a violência psicológica foi associada ao período acadêmico, sendo mais frequente nos últimos anos do curso (7º ao 10º período), quando a probabilidade de vivenciar depreciação ou humilhação foi 4,64 vezes maior (Tabela 03) em comparação aos períodos iniciais. Este dado reforça a hipótese de que a competitividade, a exaustão acadêmica e a tensão interpessoal aumentam com a progressão do curso, conforme evidenciado por outros autores (GODINHO *et al.*, 2018; MAFFISSONI *et al.*, 2021; SCARDOELLI *et al.*, 2017). Ou seja, quanto maior a duração da convivência ao longo do curso, maior será a chance do aluno vivenciar uma experiência de violência.

As más relações interpessoais durante a formação acadêmica, expressas nas diferentes formas de violência, podem repercutir negativamente na qualidade de vida dos estudantes, desencadeando sofrimento psíquico, como o Transtorno Mental Comum (TMC), a depressão e a síndrome de Burnout (LIMA *et al.*, 2017;



TRAJANO *et al.*, 2024). Portanto, a depreciação da qualidade de vida em virtude das experiências acadêmicas negativas certamente refletirão em insegurança e/ou frustração profissional.

A cultura institucional desempenha um papel crucial na perpetuação ou mitigação da violência universitária. Normas culturais que toleram ou minimizam comportamentos abusivos contribuem para a manutenção de ambientes hostis, afetando o bem-estar psicológico dos estudantes. Por outro lado, instituições que promovem uma cultura de respeito e apoio tendem a apresentar menores índices de violência e melhor saúde mental entre seus alunos.

É imperativo que as universidades reconheçam a gravidade da violência em seus campi e implementem medidas preventivas e de suporte psicológico adequadas. A criação de canais de denúncia eficazes, programas de conscientização e a promoção de um ambiente acadêmico saudável são essenciais para assegurar um ambiente acadêmico saudável e inclusivo para todos, favorecendo o desenvolvimento acadêmico e pessoal do discente.

CONCLUSÃO

A violência psicológica no ambiente universitário público brasileiro, sob a perspectiva de acadêmicos de Odontologia, mostra-se mais prevalente nos últimos anos de graduação sendo caracterizada por situações competitivas injustas, ameaças, insultos, discriminação, humilhação e privações. Essa condição não pode ser negligenciada e deve ser encarada como um problema a ser prevenido e mitigado. Portanto, a implementação de políticas institucionais que promovam ambientes acolhedores, inclusivos e livres de discriminação é essencial para a prevenção e o enfrentamento da violência, garantindo a saúde mental e o desenvolvimento integral dos estudantes.

REFERÊNCIAS

1. Krug EG, Mercy JA, Dahlberg LL *et al.* The world report on violence and health. *Lancet*. 2002;360(9339):1083-1088.
2. Ferraz RCSN, Ristum M. A violência psicológica na relação entre professor e aluno com dificuldades de aprendizagem. *Psicol Educ*. 2012;(34):104-126.

3. Scherer EA, Estefanini JR, Cavalin LA *et al.* Violência psicológica vivenciada por estudantes do ensino médio. *Psicol Am Lat*. 2017;(29):160-171.
4. Godinho CCPS, Trajano SS, Souza CV *et al.* A violência no ambiente universitário. *Rev Bras Promoc Saúde*. 2018;31(4):1-8. doi:10.5020/18061230.2018.8768.
5. Rosa R, Boing AF, Schraiber LB *et al.* Violence: concept and experience among health sciences undergraduate students. *Interface (Botucatu)*. 2010;14(32):81-90.
6. Price SS, Stricker JC, Ridenour WL *et al.* Proactive safety awareness and violence prevention training for professional students. *J Dent Educ*. 2020;84(6):712-7. doi:10.1002/jdd.12137.
7. Lu X, Hou C, Bai D *et al.* Prevalence, associated factors, and nursing practice-related outcomes of workplace violence towards nursing students in clinical practice: A systematic review and meta-analysis. *Nurse Educ Today*. 2024 Feb;133:106074. doi: 10.1016/j.nedt.2023.106074.
8. Lima MCP, Ramos-Cerqueira ATA, Dantas CL *et al.* Trote e saúde mental de estudantes de medicina. *Rev Bras Educ Med*. 2017;41(2):210-20. doi:10.1590/1981-52712015v41n2RB20160025.
9. Trajano SS, Abdon APV, Medeiros NT *et al.* Prevalência de transtorno mental comum e fatores relacionados ao ambiente universitário. *Cad Saude Colet*. 2024;32(3):e32030411. doi:10.1590/1414-462X202432030411.
10. Maito DC, Panúncio-Pinto MP, Vieira EM. Violência interpessoal no ambiente acadêmico: percepções de uma comunidade universitária. *Interface (Botucatu)*. 2022;26:e220105. doi:10.1590/Interface.220105.
11. Maffissoni AL, Sanes MS, Bresolin P *et al.* Self-reported violence by nursing students in the context of undergraduate studies. *Rev Bras Enferm*. 2021;74(4): e20201179. doi:10.1590/0034-7167-2020-1179.
12. Henriques CGP, Merçon-Vargas EA, Rosa EM. Vivências de violência e percepção do medo entre estudantes universitários. *Estud Pesqui Psicol*. 2023;23(1):49–70. doi:10.12957/epp.2023.75298.



13. Teixeira MCB, Dias MC, Ribeiro CDM. Entre espelhos: a formação em saúde e sua produção de violência. *Rev ABENO*. 2018;18(2):156–65. doi:10.30979/rev.abeno.v18i2.586.
14. Scardoelli C, Ferracini CL, Rodrigo R *et al*. Vivência dos acadêmicos de enfermagem diante das ocorrências de assédio moral. *Revista de Enfermagem UFPE on line*. 2017 Jan 5;11(2):551–8.